



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VOZES E IMAGENS POÉTICAS: UMA EXPERIÊNCIA COM O CORDEL NO CEEIGEF

Francisca Luana Abrantes de Castro (1); Fabiana Soares da Silveira Nóbrega (1); Jakeline Francisca da Silva (2); Maria Elisabete Melo dos Santos Lopes (3); Rosangela Vieira Freire (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), fablet2010@hotmail.com, jake-jc@hotmail.com, luana_abrantes@hotmail.com, mariaelizabete1985@hotmail.com, rosangelaveafs@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho, aqui apresentado, foi desenvolvido em salas de aula de uma escola situada no alto sertão paraibano. Trata-se do CEEIGEF (Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira), um centro de trabalho inclusivo, dotado de salas mistas onde estudam alunos “normais” e alunos de várias deficiências. Optou-se pelo trabalho com a Literatura de cordel, apresentada fisicamente em papel barato, tamanho padrão em formato de inconfundíveis livrinhos. Eles constituem atrações em feiras, festivais de cultura popular. As atividades aconteceram entre os meses de abril e junho e trabalharam-se os seguintes textos: *O Gostoso* de Maria Godelivie, *A casa que a fome mora*, de Antonio Francisco e *A morte de Nanã*, de Antonio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Visando à aprimoração do gosto dos alunos pelo texto literário compreendido em sua diversidade, buscou-se “uma imersão no mundo da leitura e da escrita”; conhecer uma poesia com raízes nordestinas; envolver as crianças pelo aspecto lúdico que o gênero oferece. Para trabalhar o cordel em salas de aula mistas, ou seja, com alunos considerados normais e com pessoas deficientes, adotaram-se os conceitos de letramento trabalhados por KLEIMANN, os pressupostos interacionistas Bakhtinianos e as teorias de Paulo Freire. Os alunos desenvolveram cartazes, revistinhas, encenações e vídeos. Para construir tal material, usamos tanto objetos convencionais quanto midiáticos. A produção foi fabulosa, mostrando, dessa forma, o envolvimento e o encantamento com esse tipo de literatura. Pode-se afirmar que experiência com o cordel vivenciada, no CEEIGEF, atingiu os objetivos a que nos propusemos alcançar.

Palavras-chave: Literatura, Cordel, Inclusão e Ensino.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

Neste artigo, propomos o trabalho com o gênero “Cordel” em sala de aula como forma de despertar, prazerosamente tanto o prazer estético quanto o senso crítico do aluno. Embora representando um gênero entranhado na cultura popular nordestina, mantém-se afastado do universo escolar. Assim, buscando refletir e analisar o uso da língua nas diversas esferas sociais procurou-se trabalhar tal gênero o qual traz uma variedade de assuntos e aspectos interessantes voltados para o cotidiano nordestino. Para embasar o estudo e compreensão desse gênero, adotaram-se como bases teóricas os estudos de Bakhtin, Kleimann e Paulo Freire, já que sugerem um ensino voltado para uma prática consciente, dialógica e construtivista, na qual o aluno seja um sujeito efetivamente, ativo, mediante não só o processo ensino-aprendizagem, mas também, em sua relação com o mundo. Conforme Freire,

É preciso que a educação esteja- em seu conteúdo, (...) adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história... (1979, p.21)

Justamente para refletir também sobre as questões acima, vimos na literatura de cordel a possibilidade de explorá-lo não só por suas características, sua expressão literária, mas também, por sua prática sócio-discursiva. Procurou-se assim, despertar a atenção do alunado para a expressão, para o ritmo, a musicalidade tão abundante no cordel. Segundo Kleimann, “Ler envolve mais do que aprender – a leitura é um prazer para os sentidos e abstração do mundo dos sentidos; é experiência única e individual, evento social e coletivo,” (1995, p.8). A experiência prazerosa foi evidente. Já a abstração, por ser mais complexa, foi mais tímida. Mas o entusiasmo dos alunos deixou-nos motivados para outros desafios de leitura.

ALÉM DA BELEZA DA RIMA, DA MUSICALIDADE E DAS VOZES POÉTICAS

O “cordel”, assim como é denominado emana além da sua beleza da rima, da musicalidade e da poesia, expressões capazes de despertar, no discente, o gosto por esse tipo de literatura, pois



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

além de retratar a cultura popular brasileira, especificamente, a cultura nordestina, contribui também para o entendimento do uso da língua em suas diferentes esferas sociais. Propiciando dessa forma, ao alunado, perceber não só o texto em si, mas também, vozes capazes de problematizar os mais diversos assuntos, sejam eles: culturais, sociais, econômicos e políticos. E é através dessa comunicação verbal que os discentes passam a ter o conhecimento do que ali está expresso no texto e nas diferentes formas de uso da linguagem.

Segundo Bakhtin, “... a língua não se transmite (...). Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles mergulham na corrente de comunicação verbal e somente quando isto ocorre é que tomam consciência de si e do mundo que os cerca”. (1972, p. 108)

Com esse trabalho, os alunos percebem que é através da linguagem que eles se tornam sujeitos ativos, conscientes de si e do mundo que os cerca, como bem salienta Bakhtin. E a literatura de cordel pode perfeitamente contribuir para a percepção do alunado, no que concerne não só ao uso da língua, às variedades linguísticas, bem como, conhecer a cultura nordestina e assim refletir sobre ela.

METODOLOGIA

Para trabalhar o cordel em salas de aula mistas, ou seja, com alunos considerados normais e deficientes, adotaram-se os conceitos de letramento trabalhados por KLEIMANN. Além disso, o nosso trabalho contou com os pressupostos interacionistas bakhtinianos e as teorias de Paulo Freire. Seguiu-se, dessa forma, o modelo construtivista, pois a partir das abordagens feitas, os alunos puderam desenvolver cartazes, produções em revistinhas, encenações e vídeos, a partir dos textos trabalhados.

No primeiro encontro, fizemos uma encenação com o cordel, “O gostosão” de Maria Godelivie, para assim, envolver o alunado. Após a encenação, discutiu-se sobre o cordel.

No segundo encontro, levamos para sala de aula, dois cordéis: “A casa que a fome mora” de Antônio Francisco e “A morte de Nanã” de Patativa do Assaré. Ao abordar tais textos, dividimos a turma em dois grupos. O primeiro grupo ficou com “A casa que a fome mora” e o segundo grupo com “A morte de Nanã”. Feita a divisão, cada grupo leu em voz alta, o seu texto. Após fazer essa leitura compartilhada, fez-se uma análise de ambos, os textos. Procurando dessa forma, despertar não só o senso crítico do alunado, bem como, possibilidades plurais de análises na sua decodificação. Segundo Freire,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua descodificação, o que evita o dirigismo massificador da codificação propagandística. As codificações não são slogans, são objetos cognoscíveis, desafios sobre que deve incidir a reflexão crítica dos sujeitos descodificadores. (FREIRE, 1982, p. 128).

Dessa forma, dialogando com Freire, percebe-se o quanto é importante a “decodificação”, pois não basta apenas saber ler, é preciso também, que o discente seja capaz de refletir, de analisar, de intervir e assim, se tornar um sujeito crítico e ativo diante do meio que o cerca.

Sobre essa prática, Freire (1986, p. 22) afirma que [...] “ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão do texto, e também como vincular o texto/ contexto com meu contexto, o contexto do leitor”. Essa reescrita aconteceu de forma multimodal e bem contextualizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se afirmar que a experiência com o cordel desenvolvida nas salas de aula do Centro de Educação Especial Integrada Geny Ferreira- CEEIGEF atingiu os objetivos a que nos propusemos alcançar, visto que o envolvimento dos alunos com o texto foi bastante satisfatório. As imagens fotografadas nos momentos de atividade testemunham uma das possibilidades de leitura e escrita cujo encanto emana do ritmo, da musicalidade dessa modalidade textual. Além disso, a partir dos trabalhos propostos em sala, pudemos averiguar a participação de forma lenta, mas ativa dos alunos deficientes, os quais, muitas vezes são excluídos das atividades realizadas em sala de aula, por parte do docente, por não estar preparado para trabalhar de acordo com a deficiência do alunado. Nos registros, podemos ver plenamente um aluno diagnosticado com múltiplas deficiências, atuando de forma significativa para a realização dessa pesquisa, revelando que, mesmo diante de sua deficiência, ele é capaz. Todavia, para que se atinja tal resultado faz-se necessária a participação de um docente ativo, paciente e acima de tudo, que tenha pelo menos algum conhecimento sobre determinada deficiência, pois não basta apenas saber sobre dada deficiência, é preciso também, saber integrar esses alunos, pois como a escola trabalha com um público misto, faz-se necessária uma metodologia que contemple todos os alunos. Enfim, mesmo diante das limitações de alguns, o resultado foi satisfatório, pois houve uma interação, decodificação, diálogo entre texto e contexto.

Considerações Finais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Trabalhar a literatura de forma prazerosa constitui uma prática significativa, principalmente, com alunos deficientes. Interagi-los nesse processo foi um desafio imenso, pois lidar com a realidade deles foi um tanto desafiador. Para tanto, como bem afirma Paulo Freire: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (1996, p.16).

A partir do estudo realizado, pode-se chegar à conclusão de que ser diferente não é sinal de “não ter capacidade”, muito pelo contrário, é sinal de que mesmo diante das dificuldades pode-se de maneira satisfatória, mesmo a passos lentos, aprender. Todavia, através de estratégias e metodologias diversificadas, os nossos objetivos estão sendo atingidos. Com o desenvolvimento desse projeto, pode-se observar na devida escola, uma mudança significativa quanto às práticas de leitura, pois os alunos já não veem a leitura como uma obrigação, voltada apenas para a interpretação de texto, mas sim, uma prática, na qual, eles, através da linguagem, podem agir, inferir e assim tornar-se um sujeito ativo, não só no processo ensino-aprendizagem, mas também, na sua leitura de mundo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e Ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Teoria e Prática de Liberdade:** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 1995.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fontes de Pesquisas: <http://www.kamasutra.blog.br/2007/08/23/o-gostosao-literatura-de-cordel/> Acesso em: 03/04/2015

<http://www.carlissongaldino.com.br/post/o-cordel-de-ant%C3%B4nio-francisco/> Acesso em: 03/04/2015

<http://blogdomimica.blogspot.com.br/2011/12/poema-em-linha-reta-fernando-pessoa-por.html/> Acesso em: 03/04/2015